

# MORTE E VIDA NO BAIRRO: PARADOXOS DO CEMITÉRIO DA VÁRZEA EM SEU TERRITÓRIO

**FÁBIO CAVALCANTE DE MELO**

Licenciado em Geografia pela UFPE,  
[fabiocavalcantedemelo2011@hotmail.com](mailto:fabiocavalcantedemelo2011@hotmail.com)

**BRUNO MAIA HALLEY**

Doutor em Geografia pela UFF,  
[bhalleype@gmail.com](mailto:bhalleype@gmail.com)

## RESUMO

O presente trabalho tem por base analisar o Cemitério da Várzea na condição de um território geossimbolicamente demarcado por seus usuários em diversos usos, rituais e objetos lúgubres (túmulos, ossuários, covas, caixões, velas, oferendas, artes tumulares, etc.). Além desta geografia sepulcral, propõe-se discutir a relação dos moradores da Várzea com o cemitério do bairro no que concerne à construção de residências geminadas ao muro do campo santo em toda sua extensão, onde apenas uma residência volta sua fachada para o cemitério. A negação ao território dos mortos revela paradoxos na escala do bairro, com os moradores ao mesmo tempo revelando relações amiúdes com o local dos mortos, mas também rejeições, estranhezas e medos, seja por questões religiosas ou "sobrenaturais", seja por motivos eminentemente médico-higienistas. Todavia, torna-se evidente que o "último cemitério do Recife" também se revela a derradeira morada para os moradores da Várzea, que constroem suas vidas com seus vizinhos, parentes e compadres, findando seus dias no próprio cemitério do bairro, *locus* de variadas contradições simbólico-materiais.

**Palavras-chaves:** Território; geossímbolos; Cemitério; Bairro; Várzea; Recife.

## ABSTRACT

The present work is based on the analysis of the Várzea Cemetery in the condition of a territory geosymbolically demarcated by its users in various uses, rituals and lugubrious objects (tombs, ossuaries, caves, coffins, candles, offerings, tumulars, etc.). In addition to this sepulchral geography, it is proposed to discuss the relationship of the inhabitants of the Várzea with the neighborhood cemetery in what concerns the construction of semi-detached residences to the holy field wall in all its extension, where only a residence returns its facade to the cemetery. The negation of the territory of the dead reveals paradoxes in the scale of the neighborhood, with the inhabitants at the same time revealing close relations with the place of the dead, but also rejections, oddities and fears, whether for religious or "supernatural" reasons, or for eminently reasons medical-hygienists. Nevertheless, it is evident that the "last cemetery of Recife" also reveals a defeat for the inhabitants of the Várzea, who construct their lives with their neighbors, relatives and compadres, finding their days in the own cemetery of the neighborhood, locus of varied. symbolic-material contradictions.

**Keywords:** Territory; geosymbols; Cemetery; neighborhood; Várzea; Recife.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o paleolítico, o homem traz em sua cultura fúnebre um cabedal de manifestações envolvendo os vivos e os mortos. Inúmeros espaços foram eleitos para a realização destes rituais e cerimônias de caráter funesto. No mundo dito ocidental, o Cristianismo popularizou a criação e o uso dos cemitérios para além dos espaços das igrejas, e da própria cidade em si, em razão das preocupações médico-higienistas frente ao temor dos “miasmas”, então associados também à putrefação dos cadáveres.

No Brasil, a construção dos cemitérios públicos ocorrera na primeira metade do século XIX, em face às necessidades de higienizar os espaços das cidades, evitando as mortíferas epidemias do período. No Recife, os primeiros cemitérios construídos foram o dos Ingleses (1814) e o de Santo Amaro (1851), para além dos bairros centrais da capital pernambucana. Nos arredores também foram construídos outros cemitérios, chamando atenção a necrópole da Várzea, datada de 1867, estando situada no limite oeste da cidade, próximo à margem direita do rio Capibaribe.

De afastado, o cemitério acabou imerso no tecido urbano, revelando certas singularidades na ordem do dia, no que se refere aos usos e relações ali processadas. Deste modo, o artigo propõe analisar o Cemitério Público da Várzea, na condição de um território sagrado demarcado “geossimbolicamente” (BONNEMAISON, 2012) por seus usuários em diversos usos, ritos, mitos e objetos lúgubres – sepulturas, ossuários, covas, artes tumulares, flores, velas, oferendas, entre outros.<sup>20</sup> Além desta geografia sepulcral, também se discute a relação dos moradores da Várzea com o cemitério, sobretudo no tocante à realidade de casas geminadas aos muros da necrópole, aos problemas de ordem sanitário-ambiental, e às condições de trabalho indevidas dos funcionários do cemitério (os coveiros), que engendram uma série de situações profanas no interior e entorno do território dos mortos.

Neste contexto, observa-se que as relações processadas no cemitério denotam paradoxos na escala do bairro, com os moradores, ao mesmo tempo, revelando relações amiúdes com o local dos mortos, mas também rejeições ou relações de medo, seja por questões religiosas ou “sobrenaturais”, seja por motivos médico-higienistas, ou por ambos os motivos. Malgrado esse quadro, evidencia-se que o último cemitério à oeste do Recife, também se revela como última morada para os moradores da Várzea, que constroem suas vidas com seus vizinhos, parentes e

---

<sup>20</sup> O artigo trata-se de uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Fábio Cavalcante de Melo, em Geografia Licenciatura, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Maia Halley, na Universidade Federal de Pernambuco: MELO, F. C. de. *Cemitério da Várzea: uma Geografia Sepulcral do bairro*. 2019. Monografia (Geografia Licenciatura), Departamento de Ciências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE.

amigos até a hora do seu sepultamento na necrópole do bairro, locus de variadas contradições físico-materiais e simbólico-imateriais.

Metodologicamente, o texto centra-se em estudos sobre a formação urbana do Recife, e, assim, do bairro da Várzea, e em trabalhos acadêmicos calcados na investigação de cemitérios, especialmente àqueles que dialogam com os aportes da geografia urbana e cultural, e, com eles, os conceitos de bairro, território e geossímbolo. Além destas leituras, o artigo apoia-se nos trabalhos *in loco* realizados no bairro e no cemitério da Várzea, onde foi possível colher informações, entrevistas e fotografias imprescindíveis à feitura do estudo.

## 2. MORTE E VIDA NO BAIRRO: PARADOXOS NO TERRITÓRIO FÚNEBRE DA VÁRZEA

O bairro da Várzea situa-se no limite oeste da cidade do Recife, na divisa com o município de Camaragibe.<sup>21</sup> Drenado pelo rio Capibaribe, o bairro apresenta uma predominante função residencial, ainda que possua em sua estrutura, uma praça central, um casario secular, uma feira livre, um comércio local, e um conjunto de edificações católicas - igrejas, colégios, seminários e uma cúria administrada pela Arquidiocese de Olinda e do Recife. Mais afastados do núcleo, estão um cemitério (que será aqui analisado), um complexo industrial e uma série de “museus-castelos” e oficina de arte situados nas propriedades da família Brennand<sup>22</sup>, que contrastam com a realidade de comunidades pobres circunvizinhas. De maneira geral, o bairro singulariza-se por uma paisagem secular, por tufos de mata à beira do Capibaribe, e por uma rede de relações sociais mais amiúdes, aqui e acolá interceptada por dissonâncias socioespaciais.

A história de sua ocupação remonta a primeira metade do século XVI, com a instalação de engenhos de açúcar na “Várzea do Capibaribe” a serviço do poder colonial em Pernambuco. Em 1630, 16 moinhos ou engenhos estavam com o fogo ativo às margens do Capibaribe, que paulatinamente foram se constituindo em prósperos povoados, como a Várzea, então elevada à

---

<sup>21</sup> O bairro da Várzea integra a Região Político-Administrativa 4, Zona Oeste da cidade do Recife. Possui uma área de 2.225 (hectares)<sup>2</sup>, e uma população de 70.453 habitantes (IBGE/2010). Trata-se do segundo bairro mais extenso e mais populoso da capital pernambucana.

<sup>22</sup> A família Brennand chegou à Várzea no final do século XIX, erguendo usinas em terras de engenho. Expandiu os negócios a partir de 1950, atuando nas áreas industriais de cerâmica, porcelana, cimento e vidro. Por décadas, o comando do grupo ficou por conta dos primos Ricardo e Cornélio Brennand, enquanto o artista Francisco Brennand construía seu atelier cerâmico nas ruínas de uma olaria do antigo Engenho São Cosme e Damião. Em 1999, Ricardo e Cornélio negociaram parte de suas fábricas, pondo fim à sociedade. A partir daí, os negócios dos primos se diversificaram, com investimentos nos setores de energia e imobiliário. In: <https://www.istoedinheiro.com.br/um-bilionario-alem-do-nordeste/> (Acesso em 28 de janeiro de 2019). Na Várzea, a família possui um amplo território, metade do espaço político-administrativo do bairro - mais de 1.000 (hectares)<sup>2</sup>. As propriedades situam-se às margens do Capibaribe. Na margem esquerda, localiza-se o atelier de Francisco circundado por um resquício de Mata Atlântica. Na margem direita, as unidades industriais de Cornélio, e os museus em formato de “castelos medievais” do Ricardo Brennand.

condição de freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de sua capela. Neste século XVII, Pernambuco estava sob o domínio holandês até 1654, quando ocorreu a Ressureição Pernambucana, com a Várzea servindo de foco de resistência aos insurrectos. Em 1746, a freguesia contava com 2.998 habitantes, 18 capelas e 11 engenhos moentes (COSTA, 2001). No século XIX, com o declínio do açúcar e afrouxo da escravidão, parte das terras dos seus engenhos foram loteadas em sítios frutíferos, constituindo a formação do arrabalde, cada vez mais concorrido com a chegada do trem a vapor, a “maxambomba”, ainda na década de 1860, que facilitou a ligação da Várzea aos bairros centrais do Recife.

Neste instante, o arrabalde presenciou uma série de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais em curso no Recife, caracterizada, entre outros aspectos, pela expansão da cidade e melhor adequação dos seus espaços, inclusive os de saúde pública, como asilos, hospitais, matadouros e cemitérios, que deveriam atender aos preceitos higienistas em voga, centrados em suas ações profiláticas. Na época, havia dois cemitérios com essas características, o Cemitério Público de Santo Amaro, de 1851, e o Cemitério dos Ingleses, de 1814, ambos situados nas Salinas de Santo Amaro, nos arredores do núcleo urbano (bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista). No decênio de 1860, contudo, com a modernização e aumento da população, houve a necessidade de se construir mais cemitérios, desta vez nos arrabaldes à oeste da cidade, em Tejjipió, no Barro e na Várzea. As razões desta escolha pelo governo provincial assentavam-se na localização das povoações, de menor risco à saúde pública frente aos “miasmas da putrefação”, e na própria premência dos arrabaldes, cujas igrejas não mais comportavam sepultamentos, passando a serem realizados nas necrópoles administradas pelas mesmas paróquias.<sup>23</sup>

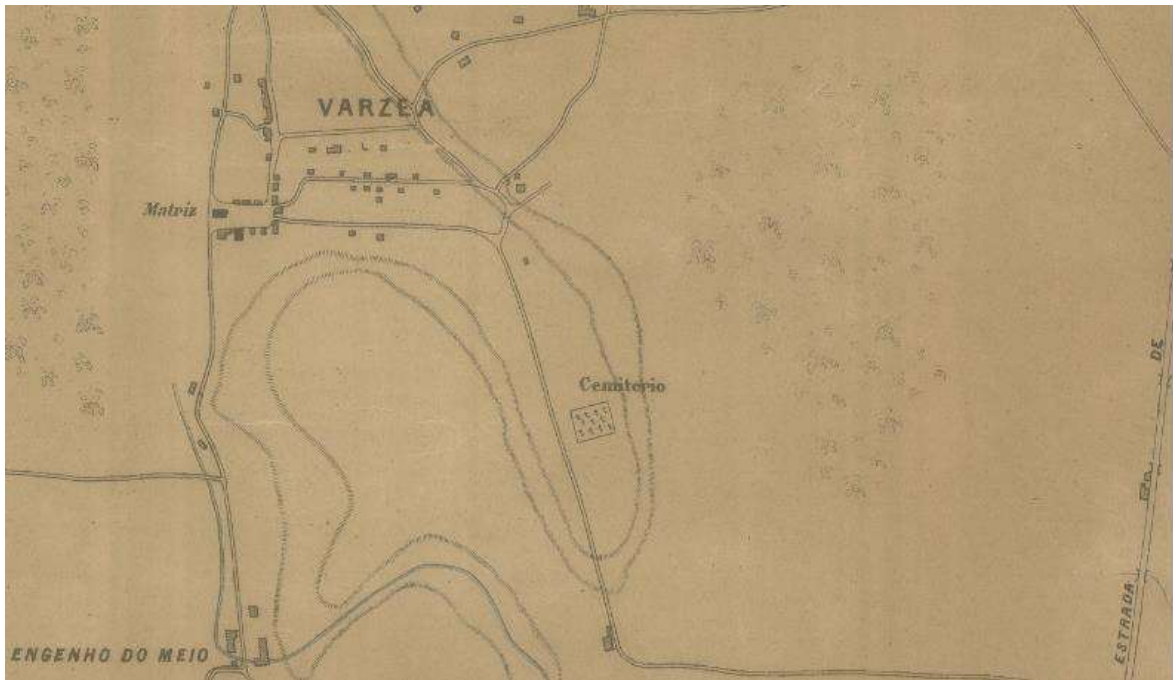
O Cemitério Público da Paróquia da Várzea foi construído nas cercanias do povoado, em 1867, sob os padrões higienistas da época, ficando sob a co-tutela da Igreja Matriz de N. Sa. do Rosário, que também passou por ampla reforma neste período, entre os anos de 1868 e 1872 (COSTA, 2001; GUERRA, 1970). Na *Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes*, de 1876, há o registro do cemitério nos arredores da Várzea e de sua igreja-matriz. Nota-se no pormenor da planta (Figura 1), o isolamento da necrópole em meio aos núcleos da Várzea, Engenho do Meio e de outras povoações às margens da Estrada de Caxangá (à direita da imagem).

Entre as metades sequenciais dos séculos XIX e XX, o Brasil assistiu um período denso de eventos e transformações no seu território, como o fim da Escravidão, o início da República, o

---

<sup>23</sup> A relação entre a Igreja e os cemitérios construídos no Recife oitocentista, e as políticas públicas adotadas nesta centúria sobre os enterros na cidade, constituem-se os objetivos centrais do estudo desenvolvido por Sial (2005): SIAL, V. V. de C. *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX*. 2005. 330f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

advento do Estado Novo, o aumento crescente da população, e a industrialização, urbanização e modernização de cidades. O Recife acompanhou o ritmo dessas metamorfoses, com seu espaço urbano expandindo mais e mais, ora por seu crescimento vegetativo, ora pela chegada de migrantes pobres do interior nordestino. A capital pernambucana “inchava-se”, possuindo mais de meio milhão de habitantes na década de 1950, com os arrabaldes assumindo a condição de bairros imersos na cidade.



**Figura 1** - Pormenor da *Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes*, de 1876, com o Cemitério da Várzea no centro do recorte. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. In: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart529229/index.htm](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart529229/index.htm). Acesso em janeiro de 2019.

Neste contexto, entre as décadas de 1940-60, a Várzea assistiu a instalação de indústrias no seu espaço, sobressaindo as unidades da família Brennand. Também houve a apropriação de parte de seu território para a edificação da Cidade Universitária (o campus da Universidade Federal de Pernambuco), em 1948, nas redondezas do Cemitério da Várzea. A própria necrópole passou por uma reforma, em 1953, dado ao crescimento do bairro e adjacências, que envolveu a ampliação de sua estrutura e melhoria de suas instalações. As mudanças estavam subjacentes ao processo de modernização dos bairros do Recife, que também contou com a construção de edifícios modernos e mercados, afóra a eletrificação, saneamento e calçamento de ruas.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Sobre essa etapa de modernização dos bairros (“subúrbios”) do Recife no decênio de 1950, vide a dissertação de Rolim (1999): ROLIM, A. L. *A modernidade nos subúrbios do Recife ou de como surge o edifício suburbano moderno – o caso de Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada*. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

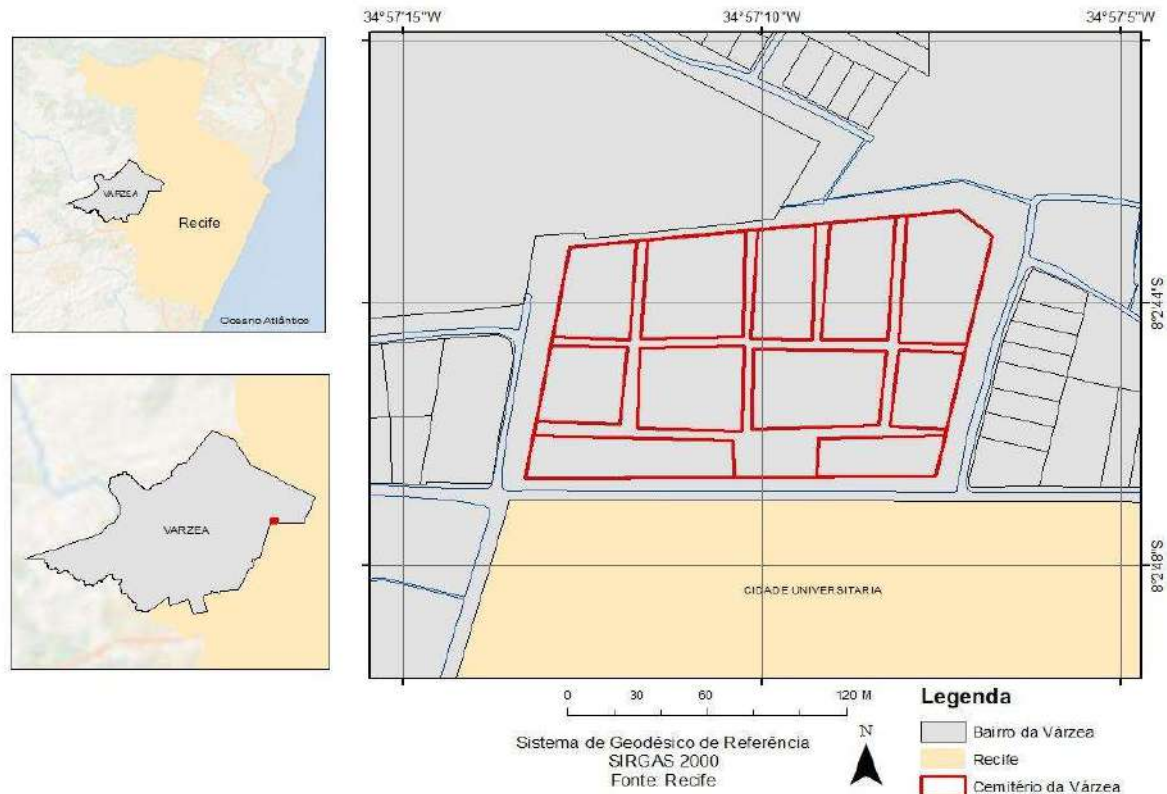
Entre os anos de 1970-90, com a metropolização do Recife houve o aumento significativo da população, engendrando a construção de conjuntos habitacionais na cidade, em especial nos bairros mais afastados, como a Várzea, prática que se estendeu aos decênios seguintes. No bojo deste processo, o bairro também começou a presenciar a chegada de uma população pobre aos seus espaços mais ociosos, suscitando a origem de comunidades carentes (Rosa Selvagem, Vila Arraes e Sítio Wanderley), inclusive junto ao seu cemitério (Brasilit e Campo do Banco), conforme observar-se-á mais adiante. Paulatinamente, o outrora isolado Cemitério da Várzea passou a ser um espaço encravado no tecido do bairro, com múltiplas construções circundando-o (campus da UFPE, comunidades pobres, fábricas, residências, edifícios, entre outros).

Na ordem do dia, o cemitério assemelha-se a uma “cidade”, com ruas, lotes, quadras e cruzamentos (Figura 2). Há espaços para administração da necrópole e para a realização de velórios, além de moradias diversas para os mortos – gavetas, ossuários, túmulos, mausoléus e sepulturas. As árvores, o chão de paralelepípedos, a terra batida, e o “mato” quase sempre alto, compõem a paisagem fúnebre, que ainda se encontra imersa por outros símbolos reveladores de uma variedade de sentidos e significados do universo cristão, como crucifixos, artes lúgubres e epitáfios gravados em lápides de cimento, granito e mármore, que externam um imaginário diverso de memórias, poemas e notas bíblicas. Em cada recanto, avista-se um cabedal de formas minúsculas, mas de imenso valor simbólico, envolvendo uma hierofania em velas, peças sacras, fotografias, vasos, coroas de flores, taças de matrimônio e objetos da cultura futebolística, que reafirmam as identidades em vida e as manifestações do sagrado na morte.

O cemitério configura-se um território sagrado, “um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROSENDAHL, 2002, p. 30). Nesta sacralização, as práticas mais presentes na necrópole da Várzea são de caráter cristão, influência direta do Catolicismo Romano no mundo ocidental, onde “os bairros geralmente coincidiram com as paróquias, e foi, a partir das capelas e igrejas que foram sendo configuradas as modalidades da vida de bairro” (SEABRA, 2000, p. 12). E não apenas as modalidades religiosas (missa, batismo, casamento, procissão, primeira-eucaristia e extrema-unção), e sim também, as de sentido civil e político praticadas por grupos e associações que se organizavam junto ao aparato eclesiástico.

O maior mausoléu do cemitério pertence à Paróquia N. Sa. Rosário da Várzea, que possui a co-tutela da necrópole desde sua abertura ainda no século XIX. Trata-se da última morada de clérigos, um monumento a perpetuar a relevância da Igreja, seu *status quo* e símbolo de poder no bairro. Conforme observado, antes da abertura do cemitério, os religiosos e moradores da Várzea

eram enterrados no interior, lateral e fundo das igrejas do bairro (do Rosário e do Livramento). Na Igreja Matriz também encontra-se sepultado Felipe Camarão, um dos líderes da Ressurreição Pernambucana, além de outros combatentes “catacumbados” sob a sacristia (SOBRINHO, 2012:



**Figura 2** - Localização do Cemitério da Várzea na cidade do Recife. Fonte: Sistema de Geodésico de Referência – SIRGAS 2000 / Recife.

A despeito do predomínio cristão, no cemitério público e laico da Várzea também avista-se práticas de outras comunidades religiosas. Dentro de um sincretismo afro-católico, o povo de santo ritualiza o cruzeiro das almas e sepulturas da necrópole. Foram avistados despachos expostos em velas de cores variadas, em garrafas de bebidas alcoólicas e em prato de barro com comida (*agdá*). Também se presenciou “plantas sagradas” de origem africana circundando os túmulos, como as populares “Comigo Ninguém Pode” e “Espada de São Jorge”. As plantas possuem a função de zelar espiritualmente o espaço do morto (Figura 3). A presença destes objetos físico-imateriais testemunha a condição de território geossimbólico do cemitério, onde tudo nele contido, possui uma identidade para os indivíduos e grupos sociais que o frequentam.

Na concepção de Bonnemaïson, “um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2012, p. 292). Como espaço público, o cemitério da Várzea assume essa



condição geossimbólica, mas não como um território de certo grupo social, e sim de variados grupos religiosos, além de certos indivíduos desprovidos de crenças, mas que ainda assim, possuem algum interesse pelo “mundo sobrenatural”. Talvez o cemitério público no Brasil, seja um dos espaços que reúna de forma mais democrática a diversidade cultural do país, malgrado os limites entre os territórios e práticas simbólicas dos grupos, que também encontram certas restrições frente às normas de uso do campo fúnebre.



**Figura 3** - Objetos lúgubres e práticas simbólicas em túmulos no Cemitério da Várzea – imagem da cultura futebolística, taças, vasos, despachos, “plantas sagradas”, o cruzeiro cristão, flores e objetos sacros. Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2019.

Se há restrições sobre algumas ações, há também uma maior flexibilidade para outras. O cemitério é um território sagrado de querência, lar de nossos antepassados, mas também espaço de temor e repulsa. Muitas vezes o poder público corrobora com esse imaginário do medo, em razão do descaso, negligência e descumprimento com as regras de funcionamento do espaço dos mortos. Por se situar nos confins do Recife, o Cemitério da Várzea parece ser um alvo mais forte deste descuido público. Uma série de irregularidades foram observadas, a começar pelo limite territorial, onde há moradias erguidas sobre os muros da necrópole, representando um risco imediato à saúde das famílias ali residentes

Se no passado o cemitério se encontrava afastado do núcleo do arrabalde, hoje se mostra encravado no tecido do bairro, imerso no desarranjo espacial da metrópole pernambucana. Há casas de autoconstrução das comunidades do Campo do Banco e da Brasilit erguidas sobre as paredes laterais e de fundo do cemitério. Os alicerces das casas correspondem literalmente aos muros dos mortos. No muro leste, sobre três pisos de gavetas mortuárias, há os pisos superiores de



casas (Figura 4). No muro oeste, há sepulturas, túmulos e covas conjugadas à parede, que também serve de alicerce para outras residências de até dois pavimentos. Embora estejam fisicamente ligados, cerca de trinta (30) moradias dão as costas ao campo dos mortos, revelando uma paisagem de “fronteira”, de disputa territorial entre os espaços dos vivos e dos mortos.



**Figura 4** - Casas sobre o muro de gavetas do Cemitério da Várzea. A negação ao território dos mortos no bairro. Fonte: Arquivo dos autores, outubro de 2018.

A negação ao território fúnebre evidencia paradoxos na vida do bairro. Ao mesmo tempo que os moradores tecem relações amiúdes com a necrópole, também externam rejeições e medo, seja por questões religiosas ou “sobrenaturais”, seja por motivos de ordem médico-sanitária, ou por ambos os motivos. Apenas uma casa possui a varanda voltada ao cemitério (Figura 5). As outras estão de costas, “vedadas”, revelando algumas poucas aberturas - fendas, cobogós e pequenas janelas. Prefere-se uma mínima circulação de ar e iluminação natural, ao ter que se deparar com o campo sepulcral, e, por conseguinte, com seus mitos, “assombrações”, tristezas fúnebres e riscos de contaminação. O cenário evitado faz jus, assim, às “paisagens do medo”, de Tuan (2005), um recorte “topofóbico” do bairro e da cidade em si.

Se as paredes laterais afloram um sentimento de rejeição, a entrada do cemitério se mostra mais entrosada com o bairro e com a memória coletiva do espaço. Nota-se no portão principal, na calçada e no estacionamento, um fluxo maior de pessoas, afora alguns detalhes que remetem à memória do cemitério, como o ano de sua reforma, em 1953, fixado no muro frontal (Figura 6). Na Avenida Professor Arthur de Sá, há uma atividade frequente de ambulantes na entrada da

necrópole, usos profanos do território sagrado, voltadas ao comércio de velas, flores, peças sacras, comida, água, bebidas alcoólicas, entre outros (Figura 7). As atividades informais tornam-se mais intensas nos fins de semana e no feriado de Finados, a cada 02 de novembro, onde presencia-se um fluxo maior de visitantes ao cemitério, tanto dos moradores da Várzea, como dos bairros e comunidades adjacentes (Engenho do Meio, Cordeiro, Caxangá, Torrões, entre outros).

Outros eventos também regem essa atração ao cemitério, e assim, ao imaginário da morte, como o velório e sepultamento de personalidades do bairro e/ou da cidade. Um exemplo recente foi o enterro do “Príncipe do Brega” Lenilson Braga, figura popular no meio artístico recifense, falecido em 31 de outubro de 2017. No dia do funeral, o Cemitério da Várzea ficou em alvoroço devido a morte do cantor, que tinha forte vínculo com o bairro. Em cortejo até à necrópole, fãs e amigos deram adeus ao cantor da “cena cultural varzeana”. No bairro, “ele sempre promovia grandes encontro de artistas, onde todos tinham direito de mostrar suas composições e qualidades musicais”, recorda o cientista social e vocalista da banda N'zambi, George Souza.<sup>25</sup> Era, portanto, um indivíduo carismático, promotor de sociabilidades na escala do bairro, que conceitualmente se define por uma identidade própria e por experiências compartilhadas entre parentes, amigos e conhecidos (SOUZA, 2013; SCARLATO, 1988), inclusive na hora da morte, como no caso da Várzea.



**Figura 5** - Única residência com varanda voltada para a necrópole (casas erguidas no muro oeste).  
Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2019.

<sup>25</sup> Vide in: <https://poraqui.com/varzea/bairro-da-varzea-se-despede-de-lenilson-braga-o-principe-do-brega/>  
Acesso em 12 de outubro de 2018.

Os vínculos com o bairro também ocorre com antigos moradores. Embora residentes em outros lugares do Recife, ex-moradores guardam na memória lembranças vividas no bairro, chegando a externar um desejo de retorno, mesmo que só para serem sepultados. A vontade de permanecer “eternamente” na Várzea também emana nos depoimentos daqueles que moram nas “casas sobre gavetas”. Morador do Beco do Poloni, José Luiz, 72 anos, relatou: “vou morrer, e quero ser enterrado neste cemitério, aqui do meu bairro”. Maria Antônia, de 83 anos, também deixou clara essa vontade: “daqui a pouco estarei aí, do outro lado (do muro). Quero ficar aqui mesmo!”.<sup>26</sup> Mesmo dando as costas para o cemitério, por uma série de razões, a vontade de ser enterrado no território fúnebre vizinho fica evidente, revelando de algum modo um vínculo com a Várzea, para além da comodidade de ser sepultado “ao lado de casa”.



**Figura 6:** Portão e muro com a data de reforma em suas colunas do Cemitério da Várzea (10/09/1953).  
Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2019.

O querer estar próximo à família, amigos e vizinhos mesmo morto, pode ser apreendido como um sentimento de “bairrofilia”, como descreve Souza (1989), marcado por uma afeição e filiação ao bairro de moradia, malgrado a complexidade das relações envolvendo a morte e a vida na Várzea. A ligação do bairro também pode ser observada nos epitáfios gravados em túmulos, como “aqui jaz um filho da Várzea”, ou nos mausoléus, que demarcam territórios “perpétuos” de famílias e grupos religiosos no cemitério, alguns até seculares, como o já citado mausoléu da paróquia. Há também outras referências sobre a vida dos mortos, que de alguma maneira também revelam seus vínculos espaciais e impressões pessoais, como parentesco, identidade futebolística (o “time de coração”),

<sup>26</sup> Conforme relatado pelos moradores José Luiz, 72 anos, morador da Várzea há mais de 30 anos, na Rua Poloni, beco lindeiro ao cemitério do bairro, e Maria Antônia, 83 anos, vizinha do campo santo da Várzea há mais de seis décadas, também residente na Rua Poloni. Entrevistas concedidas em 13 de outubro de 2018.



sexo, idade, profissão, lugar de trabalho, grupo cultural (o “bloco de carnaval”), datas de nascimento e de falecimento, entre outros.

São marcas gravadas num território dotado de características singulares, um espaço de reflexão e silêncio, poucas vezes interrompido, ora por choros e lamentos, ora pelo maior agito no Dia de Finados ou no enterro de alguma “celebridade”. No silêncio quase inquebrantável da necrópole, as pessoas se conectam a um imaginário espiritual, cultuando os antepassados em distintos credos e religiões. Nestes transes, acendem-se velas sobre os granitos e mármore, colocam-se flores e adornos, e realizam a limpeza e pintura dos túmulos em homenagem e proteção à memória e espíritos dos entes queridos. Aqui e acolá, visualiza-se essas práticas no sepulcro varzeano, semiografado por túmulos, gavetas, oferendas rituais, lugares de oração e descanso, entre outros. Contudo, também há casos de contra-usos profanos no interior e entorno do espaço sagrado, transgredindo as práticas mais usuais do território fúnebre.



**Figura 7:** Dia de Finados no Cemitério da Várzea. O comércio informal no entorno da necrópole.  
Fonte: Arquivo dos autores, novembro de 2018.

No Cemitério da Várzea foi possível avistar consumo de drogas ilícitas (maconha e *crack*) por jovens do bairro nos espaços mais recuados. Notou-se igualmente a presença de menores de idade na necrópole, comercializando mercadorias diversas, quando não oferecendo serviços de limpeza, capinação e pintura de túmulos, em especial nos dias de maior fluxo, como nos fins de semana e no feriado de Finados. Além da ilegalidade do trabalho, o ambiente insalubre do cemitério configura-se uma ameaça à saúde dos jovens, pouco conscientizados sobre os perigos de contágio com os túmulos, covas e restos mortais. Eles realizam o trabalho ilegal desprovidos de qualquer

equipamento de segurança, como luvas, máscaras, óculos, botas e chapéus, estando expostos horas e horas aos microrganismos do cemitério.

Situação semelhante ocorre com os funcionários, cujos trajes e instrumentos de trabalho mostram-se inadequados à função insalubre. Os próprios coveiros tratam com desleixo o campo fúnebre. Quando não descansam sobre os túmulos, não capinam, tampouco retiram os monturos de lixos, deixam as covas abertas e até ossadas expostas junto às paredes laterais do cemitério, onde há casas construídas sobre elas (Figuras 08 e 09). Dada à situação, o solo do cemitério pode representar um risco à saúde pública, em especial aos que residem junto à necrópole, alvos de maior contato com os gases da putrefação, e também da água de poços da redondeza, decerto contaminada por necrochorume.<sup>27</sup>



**Figura 8:** Funcionário do cemitério descansando sobre um túmulo. Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2018.

De acordo com Pacheco (2000), a decomposição de cadáveres se acelera nos períodos de chuva. Os microorganismos se proliferam, podendo contaminar ainda mais o lençol freático, sobretudo em situações de descaso público. Nestes casos, as doenças que podem proliferar-se vão desde o tétano, tuberculose, febre tifoide, até o vírus da hepatite A. Ainda há as doenças transmitidas pela água parada, represada nos monturos, que podem levar à proliferação do

---

<sup>27</sup> A respeito do processo de contaminação de águas subterrâneas em áreas de existência de cemitério, vide o estudo dissertativo: CAMPOS, A. P. S. *Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial*. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, USP, São Paulo. 124 p.



mosquito *Aedes Aegypti*, causador de epidemias e doenças congênitas no Brasil, transmissor da dengue, *chikungunya* e *zica*. Os resíduos sólidos produzidos, como restos de caixões, flores e objetos pessoais dos mortos são descartados como lixo comum, representando um perigo de contaminação (Figura 10). Moradores se queixaram da presença de escorpiões, mosquitos e baratas em suas residências, consequência do descarte irregular do lixo no campo dos mortos. Os mesmos utilizam repelentes nos corpos e vedam com óleo queimado as casas, procurando evitar a entrada dos insetos. Também reclamaram dos odores exalados na necrópole, do seu lixo exposto e do seu esgoto sanitário obstruído.<sup>28</sup>



**Figura 09:** Fragmentos de ossadas expostas no Cemitério da Várzea. Fonte: Arquivo dos autores, março de 2018.

Conseqüentemente, o medo entre os vizinhos do cemitério não existe somente no campo simbólico do “além” (o imaginário da morte), mas também no campo físico-material de uma ameaça real à suas vidas. São os paradoxos existentes nas relações entre os moradores e o cemitério, que acabam justificando a análise do mesmo como um “nanoterritório” (SOUZA, 2013) repleto de múltiplas contradições socioespaciais. O microcosmo da necrópole encontra-se imerso em problemas sanitários-ambientais, em usos e contra-usos, em disputas territoriais, e em geossímbolos materiais e imateriais, que acabam por revelar um cenário de degradações, apropriações e significados múltiplos no interior e entorno do território dos mortos.

---

<sup>28</sup> Conforme relatado pelo morador José Luiz, aqui já citado, e pelo morador João Félix, residente há 62 anos no bairro da Várzea, na Rua Poloni, um beco encostado ao muro do cemitério, onde ele também possui um comércio. Entrevistas concedidas entre 12 e 13 de outubro de 2018.





**Figura 10:** Depósito irregular de lixo no interior do Cemitério da Várzea. Fonte: Arquivo dos autores, abril de 2018.

A apreensão do Cemitério da Várzea, portanto, centrou-se na concepção de território em suas diversas dimensões, na multiplicidade de suas manifestações e poderes, e nos múltiplos sujeitos envolvidos, desde o poder mais “tradicional” restrito ao Estado e grupos hegemônicos, ao de dimensão mais simbólica, de resistência de grupos subalternizados (HAESBAERT, 2011). Desta maneira, pensou-se a necrópole como um espaço de poder do Estado e de seus descasos públicos, mas também como um território dos moradores da Várzea, em suas dimensões físico-imateriais, onde os mesmos constroem experiências numa escala imediata da vida, a escala do bairro, que envolve vizinhos, parentes e conhecidos, estando vivos ou mortos.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo analisou o Cemitério da Várzea, na condição de território geossimbolicamente demarcado, não somente por suas cerimônias e rituais fúnebres, que marcam a passagem de um estado (a vida) para outro (a morte), mas também pela conformação dos seus espaços, objetos lúgubres e representações. Afora incursionar por esta geografia sepulcral, por um território de múltiplas formas, usos e significados, discutiu-se a relação dos moradores com o cemitério do bairro, evidenciando os paradoxos existentes, com os indivíduos tecendo ligações amiúdes com o local dos mortos, mas também rejeições e estranhezas, seja por motivos do “além”, seja por razões

médico-higienistas, ou por ambos os motivos. Não à toa, Figueiredo ter afirmado “[...] que as necrópoles são cercadas de simbolismos de proximidade/aceitação, de um lado, e rejeição/temor, de outro” (FIGUEIREDO, 2011, p. 60).

Neste contexto, observou-se a existência de residências geminadas aos muros laterais da necrópole, onde apenas uma residência volta a sua fachada para o cemitério. Malgrado a ligação física das casas, há uma clara negação ao território dos moribundos no tocante à sua paisagem fúnebre e aos seus riscos reais e imaginários (riscos físicos-ambientais e simbólicos-imateriais, respectivamente). Todavia, torna-se evidente que o “último cemitério do Recife” também se revela a derradeira morada para os moradores da Várzea, que constroem suas vidas com seus vizinhos, parentes e compadres, findando seus dias no próprio cemitério do bairro.

O cemitério respalda, assim, o conceito de território na geografia, um espaço delimitado não somente pelas múltiplas relações de poder nele existentes (de um poder mais tradicional ao mais simbólico), mas também pelo próprio significado da palavra. *Territorium* deriva do vocábulo terra, e a função do cemitério é en-terra-r corpos. Daí a ligação indissociável do conceito à morada dos mortos, território onde ao pó (à terra) retornaremos.

#### 4. REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, J. “Viagem em torno do território”. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia cultural – uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CAMPOS, A. P. S. *Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial*. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, USP, São Paulo. 124 p.

COSTA, F. A. P. da. *Arredores do Recife*. 2 ed. Recife: Massangana, 2001.

FIGUEIREDO, O. M. O caráter simbólico e significados de uma necrópole inglesa na cidade do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, UERJ, n. 30, p. 55-64, jul./dez. de 2011.

GUERRA, F. *Velhas igrejas e subúrbios históricos*. 2.ed. Recife: Ediouro, 1970.

HAESBAERT, R. “Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da des-territorialização contemporânea”. In: JESUS, E. de. (Org.). *Arte e novas espacialidades: relações contemporâneas*. Rio de Janeiro: F10 e Oi Futuro, 2011, v. 1, p. 54-65.

MELO, F. C. de. *Cemitério da Várzea: uma geografia sepulcral do bairro*. 2019. Monografia (Licenciatura em Geografia), Departamento de Ciências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE.

PACHECO, A. *Cemitérios e meio ambiente*. 2000. 168f. Tese (Livre Docência), Instituto de Geociências, São Paulo, USP.

ROLIM, A. L. *A modernidade nos subúrbios do Recife ou de como surge o edifício suburbano moderno – o caso de Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada*. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

ROSENDAHL, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

SCARLATO, F. C. *O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro*. 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEABRA, O. C. de L. *Urbanização: bairro e vida de bairro*. In: *Travessia – Revista do Migrante*, n. 38, ano XIII. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2000, p. 11-17.

SIAL, V. V. de C. *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX*. 2005. 330f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

SOBRINHO, M. F. da S. *Várzea - lembranças de um tempo que se foi*. 1 ed. Recife: Bagaço, 2012.

SOUZA, M. J. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. *O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política*, in: *Revista Brasileira de Geografia*. V. 51, n. 2, abr/jun. Rio de Janeiro, 1989, p. 139-172.

TUAN, Y. *Paisagens do Medo*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.